

O DILEMA DO SOCIÓLOGO SEGUNDO PIERRE BOURDIEU

Pamela Kenne¹

Pierre Bourdieu, principal autor da obra que é objeto desta resenha, "Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia", participa das discussões metodológicas da sociologia contemporânea a partir de um amplo arcabouço teórico. As fontes para formação de seu modelo teórico, por exemplo, incluem Bachelard, Canguilhem, Durkheim, Freud, Mauss, Marx, Kaplan, Weber, dentre outros. A proposta de análise relacional do autor (SCARTEZINI, 2011) permite um caminho rumo a superação da dicotomia presente em análises microscópicas ou macroscópicas, que privilegiam a obtenção de foco no indivíduo ou na sociedade. Apresentando, então, uma abordagem "mesoscópica", (MAILLOCHON, 2015), a perspectiva de Bourdieu insere-se em um cenário de ruptura epistemológica, em que a sociedade e o indivíduo passam a ser analisados a partir de suas relações de interdependência.

Em relação a perspectiva metodológica, o pensamento de Bourdieu contribui nos questionamentos acerca do dilema das possibilidades de objetividade do conhecimento no fazer sociológico. Esse dilema inscreve-se na percepção de que os pontos de vistas sobre a realidade (aqui, no caso, dos sociólogos) são construídos a partir de um ponto particular dessa realidade (PETERS, 2017).

Existem tantos mundos sociais quantas forem as representações de mundo socialmente posicionadas? Como julgar a validade de pretensões distintas e frequentemente antagônicas ao conhecimento verdadeiro sobre o universo societário, considerando-se a aparente ausência de juízes que não sejam, eles próprios, partes interessadas na disputa pelo monopólio da representação legítima da realidade sócio-histórica? (PETERS, 2017, p. 339)

Para Bourdieu, a objetividade apenas pode ser garantida na pesquisa sociológica diante do controle reflexivo presente na "auto-objetividade" (PETERS, 2017) ou autoanálise do próprio sociólogo e sua prática de pesquisa. Nas palavras do Bourdieu (2011), só é possível "produzir a verdade do interesse se aceitarmos questionar o interesse pela verdade e se estivermos dispostos a pôr em

risco a ciência e a respeitabilidade científica fazendo da ciência o instrumento do seu próprio pôr-se-em-causa" (p. 106). Em outros termos, a orientação para a definição do problema, modelo teórico, métodos e técnicas a serem utilizadas, muito antes da finalização da análise do objeto, já pressupõe os atributos subjetivos presentes no habitus do pesquisador (PETERS, 2017), delineando todo o trajeto da pesquisa e influenciando de forma drástica no produto final. Dessa forma, ressalta-se aqui a necessidade do controle reflexivo no andamento da prática sobre a própria prática, fazendo com que esta seja também um objeto de análise. Desse modo, Bourdieu propõe uma ciência social reflexiva, que seja capaz, a partir dos investimentos do conjunto da categoria de cientistas sociais, de analisar e compreender os próprios vieses, para, então, apreender as dimensões do mundo social e produzir os conhecimentos científicos (SCARTEZINI, 2011).

A preocupação em torno do tema da objetividade do conhecimento e como lidar com os seus limites práticos, existe desde os primeiros momentos da existência da própria sociologia. Weber (2001) por exemplo confronta-se com esse tema ao tentar responder a própria questão: "o que significa e o que se propõe a crítica científica dos ideais e juízos de valor?" (p. 109).

Supondo que, na grande maioria dos casos, qualquer fim a que se aspire, neste sentido, "custa" alguma coisa ou "pode custar algo", a autorreflexão dos homens que agem com responsabilidade não pode prescindir da ponderação entre fins e consequências de determinada ação. [...] Ela [ciência] é própria do homem da ação: ele pondera e escolhe, entre os valores em questão, aqueles que estão de acordo com sua própria consciência e sua cosmovisão pessoal. A ciência pode proporcionar-lhe a consciência de que toda a ação, também, de modo natural, conforme com as circunstâncias, a "não-ação" implicam, no que tange às suas consequências, uma tomada de posição a favor de determinados valores, e, deste modo, em regra geral, "contra outros valores" [...] (WEBER, 2001, p. 110).

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Nesse sentido, o livro "Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia" apresenta instrumentos para a construção de conhecimento científico, compreendendo os seus aspectos de continuidade e transformação, além da necessidade de reflexão constante sobre os limites e alcances da objetividade do conhecimento. Ao introduzir a obra, Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2015) retratam a essencialidade da existência de uma vigilância científica no habitus de pesquisador em relação ao próprio método e técnicas a serem utilizadas durante o fazer científico, considerando que o pensamento sociológico é produzido dentro de suas próprias condições sociais.

[...] esse habitus que, sendo um sistema de esquemas mais ou menos controlados e mais ou menos transponíveis, é simplesmente a interiorização dos princípios da teoria do conhecimento sociológico. [...] subordinando a utilização das técnicas e conceitos a uma interrogação sobre as condições e limites de sua validade, proíbe as facilidades de uma aplicação automática de procedimentos já experimentados e ensina que toda operação, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser repensada, tanto em si mesma quanto em função do caso particular. (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2015, p. 14).

Em outros termos, a atividade de pesquisa científica aqui é vista não como uma produtora de verdades a partir de métodos e técnicas pré-estabelecidas, mas como parte da produção de uma "ciência em vias de se fazer" (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2015, p. 17). O livro é dividido em três partes: 1) A Ruptura; 2) A Construção do Objeto, e 3) O Racionalismo Aplicado. A primeira parte, A Ruptura, trata da "conquista do fato" a partir de uma contradição (materializada em um problema) entre a observação do pesquisador e as teorias estabelecidas, considerando a necessidade do rompimento com a sociologia espontânea e a perspectiva proveniente do senso comum. O segundo momento do livro refere-se à "construção do fato", apresentando, então, a necessária constituição de um modelo teórico que permita, junto ao processo de ruptura com as prenoções, a análise do objeto a partir da organização do conhecimento do real em um sistema de relações. Já na terceira parte, tratar-se-á da "constatação do fato" por via do papel do sociólogo a ser situado entre o idealismo e o realismo, utilizando o racionalismo aplicado para a verificação das hipóteses científicas.

Segundo Scartezini (2011) a metodologia de Bourdieu compreende a atividade racional sendo fundamental para o rompimento com doutrinas, entendendo que a atividade científica deve recusar as certezas do conhecimento, propondo a pesquisa como um processo que desafia os paradigmas já estabelecidos. Bourdieu et al. (2015) atenta-se aos riscos de restringir a produção científica a uma "simples leitura do real" (p. 25), pois,

segundos os autores, o real aparece aos pesquisadores a partir de configurações da percepção que devem passar por rupturas para evitar, no que for possível, as influências das prenoções do mesmo sobre o objeto.

Os autores ainda propõem outro cuidado para a produção científica: os esforços de evitar a recorrência e a incidência das prenoções do sociólogo na condução da pesquisa, a partir de técnicas como a auto-objetificação, não pode acabar na adesão das prenoções dos indivíduos pesquisados como a verdade do fenômeno em questão. Este entendimento é explicado pelo "princípio da não consciência", um conceito autoexplicativo, em que a verdade não pode, a priori, ser encontrada em noções conscientes ou, em outras palavras, a explicação dos indivíduos sobre as suas ações pode não dar conta de compreender o fenômeno pesquisado. O que o indivíduo diz sobre si mesmo ou sobre a organização que participa também deve ser colocado em questão. Dessa forma, o caminho mais indicado para explicar o funcionamento de uma organização social seria reconstituir o sistema de relações objetivas dos indivíduos que compõe o grupo/fenômeno ao invés de se deter na descrição de suas motivações ou ações individuais. Esta parte, por sua vez, deve ser explicada sob a compreensão dessas relações objetivas.

[...] inúmeras pesquisas de motivação (sobretudo retrospectivas) pressupõem que os sujeitos possam deter, durante um momento, a verdade objetiva de seu comportamento (e conservem dela, de forma contínua, uma memória adequada), como se a representação que os sujeitos têm de suas decisões ou ações não ficasse devendo nada às racionalizações retrospectivas. Sem dúvida, pode-se e deve-se coletar os mais irreais discursos, mas condição de ver neles não a explicação do comportamento, mas um aspecto do comportamento a ser explicado (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2015, p. 51).

Assim, a partir das técnicas de ruptura com as prenoções, o fato é conquistado. Por conseguinte, o fato deve ser construído em bases epistemológicas que sustente o percurso metodológico da pesquisa. Assim, no segundo momento do livro "Ofício de Sociólogo", é problematizado o empirismo radical, pois, o real não responde a si mesmo. Desse modo, a construção do fato pressupõe a construção de um modelo teórico em torno de uma problemática que permita questionamentos sistemáticos sobre as relações investigadas.

Com efeito, é como se o empirismo radical propusesse como ideal que o sociólogo se anulasse como tal. A sociologia seria menos vulnerável às tentações do empirismo se fosse suficiente lembrar-lhe, com Poincaré, que "os fatos não falam". A maldição das ciências humanas talvez seja o fato de abordarem um objeto que fala. Com efeito, quando o sociólogo pretende tirar dos fatos a problemática e os conceitos teóricos que lhe permitam construir e analisar tais fatos, corre sempre

o risco de se limitar ao que é afirmado por seus informadores. Não basta que o sociólogo esteja à escuta dos sujeitos, faça a gravação fiel das informações e razões fornecidas por estes, para justificar a conduta deles e, até mesmo, as razões que propõem: ao proceder dessa forma, corre o risco de substituir pura e simplesmente suas próprias prenoções pelas prenoções dos que ele estuda, ou por um misto falsamente erudito e falsamente objetivo da sociologia espontânea do "cientista" e da sociologia espontânea de seu objeto (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2015, p. 50).

A terceira parte da obra refere-se à finalização do que os autores chamam de "hierarquia dos atos epistemológicos" (o fato é conquistado, construído e constatado). A constatação do fato é a fase da experimentação teórica das hipóteses. Neste caso, a constatação só pode ser encontrada no "sistema completo dos fatos criados pelas - e não para as - hipóteses teóricas que devem ser validadas" (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2015, p. 82), sendo o resultado dos atos epistemológicos organizado de forma não fragmentada. Ou seja, à medida que as interrogações são respondidas, é necessária a reformulação de todo o quadro simbólico construído em torno do fato, e não apenas ao que diz respeito à questão específica. Diferentemente da perspectiva positivista, Bourdieu et al. (2015) propõe a apreensão dos detalhes somente diante do conjunto, pois isolados já não representariam o real. Essa lógica reforça a concepção já apresentada sobre as relações de interdependência e análise mesoscópica em que o objeto é construído. A constatação do fato ocorre em relação com a construção do fato, a hipótese desmentida altera a construção teórica que formulou a mesma hipótese, e novamente o fato precisa ser conquistado.

De acordo com Gonçalves (2002) Bourdieu põe em questão os objetos pré-construídos, propondo que a atividade da ciência social é desordenar os fatos, para depois ordená-los a partir das sínteses já realizadas. A ciência, neste caso, trata-se, então, de um constante devir, com novas sínteses, novas contestações, dissecando a realidade do mundo social em uma perspectiva de confronto com o que já estabelecido. Os autores do "Ofício de Sociólogo", diante das contribuições vastas de outros pesquisadores clássicos e contemporâneos, se dispõem a interrogar a ciência que se propõe a construir hipóteses com o objetivo premeditado de confirmar paradigmas ou que cai em intuições carregadas de prenoções irrefletidas. Isso porque o instrumento metodológico do cientista social é construído a partir de sua subjetividade, tornando óbvios os riscos de distorções da realidade ao final de uma pesquisa.

Essas questões propostas por Bourdieu, e outros pesquisadores, abrem novas questões ao mundo da pesquisa. Pois compreende-se, após tal leitura,

o desafio de acessar as dimensões do real de forma objetiva, considerando que a própria subjetividade organiza esse real para que se possa acessá-lo. Dessa forma, a única garantia de uma pesquisa coerente com o seu propósito - explicar a realidade social - é o rigor metodológico com que deve ser traçado todo o percurso.

Compara-se o trabalho de Bourdieu na sociologia a de um verdadeiro mestre artesão (GONÇALVES, 2002) que utiliza o rigor metodológico para se pensar no próprio método, descartando tanto o espontaneísmo quanto a rigidez das técnicas. O que se procura produzir é o que é inesperado, o que se procura saber é o que não se sabe. O teste de uma hipótese não pode pressupor a sua confirmação ou negação, pois assim a técnica pode se direcionar para esse objetivo, bem como a intuição e a própria análise. No entanto, essa análise não pode servir a um relativismo de que "qualquer coisa" serve.

Tal perspectiva metodológica poderia ser comparada com a da psicanálise. Nesta, a atividade do analista deve passar por um processo de ruptura semelhante ao que desenvolve Bourdieu em suas análises teórico-metodológicas em relação ao fazer científico. A escuta exercida pelo analista deve passar por rompimentos com prenoções ou pré-conceitos do analista diante do que é dito pelo outro. A escuta, dessa forma, apresenta o potencial de denotar - ou, muitas vezes, meramente ouvir - as associações de significações que apenas poderiam ser autênticas quando recolhidas em seu processo imediato de criação durante a fala do analisado. O contrário, a escuta sem essa ruptura necessária poderia interromper o processo que é o próprio objetivo da análise, impondo, de forma consciente ou inconsciente, as noções já estabelecidas do analista e limitando a cadeia de significantes a ser produzida durante uma sessão de psicanálise (FREUD, 1996; LACAN 2005). Em outras palavras, a semelhança entre as noções dessa ruptura em uma sessão de análise e no fazer científico poderiam ser expressas na seguinte frase elucidativa: "a apreensão de um fato inesperado pressupõe, pelo menos, a decisão de prestar uma atenção metódica ao inesperado" (p. 25).

No entanto, não se trata da anulação do sociólogo diante do que é dito durante a abordagem do objeto (do mesmo modo que não se trata da anulação do psicanalista durante uma escuta analítica), pura e simplesmente recolhendo e ordenando os elementos espontâneos como um método de solucionar o problema, ou mesmo criando novas cadeias significativas de forma espontânea. Para os autores é necessário ir além da percepção imediata (produzida pelos sentidos humanos e pelo acesso a dados disponíveis sobre a realidade), mesmo sem negá-la. A perspectiva teórico-metodológica, a partir da qual deve ser constituída a problemática, inserindo o objeto em um contexto mais amplo de

relações objetivas e intersubjetivas deve fazer parte do trabalho de construção do fato científico, pois é a teoria o principal instrumento do sociólogo para a interpretação do real e auxílio no seu processo individual de ruptura.

Sendo a palavra ofício um conceito que significa o trabalho que requer técnicas específicas – como o ofício de marceneiro – Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2015) descrevem exaustivamente as técnicas específicas que fazem um ofício de sociólogo. Durante a leitura do texto, a analogia do ofício de sociólogo com o ofício artesanal é inevitável, tanto que foi encontrada em outros trabalhos como o de Gonçalves (2002): a “lição de Bourdieu: o ofício de sociólogo é simbolicamente um ritual como os trabalhos artesanais das chamadas corporações de ofício” (BOURDIEU, CHAMBOREDON, PASSERON, 2015, p. 4). A ciência, como um trabalho artesanal, deve ser construída a partir do aprimoramento das técnicas, sendo um trabalho manual, em que se utiliza como instrumento os próprios sentidos corporais, e que escapa à produção em série.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. O Poder Simbólico. 15^a ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J.; PASSERON, J. Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia. 8^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GONÇALVES, M. F. C. Pierre Bourdieu: Um mestre de ofício. v. 6. n. 2, São Luís/MA: EDUFMA, 2002.

MAILLOCHON, F. Porque a análise das redes? In: PAUGAN, S. (Org.). A pesquisa sociológica. Petrópolis: Vozes, 2015.

PAUGAN, S. e VELDE, C. V. O raciocínio comparatista. In: PAUGAN, S. (Org.). A pesquisa sociológica. Petrópolis: Vozes, 2015.

PETERS, G. Sociologias. A ciência como sublimação: o desafio da objetividade na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu. n. 45, Porto Alegre: UFRGS, 2017.

SCARTEZINI, N. Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais. Introdução ao Método de Pierre Bourdieu. n. 14 e 15, Araraquara/SP: UNESP, 2011.

WEBER, M. Metodologia das Ciências Sociais. 4^a ed., São Paulo: Cortez Editora, 2001.